

---

**PARA ALÉM DOS MUROS DA UNIVERSIDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA DISCIPLINA DE MEDIAÇÃO E RECEPÇÃO DA INFORMAÇÃO**

*Ciro Athayde Barros Monteiro*  
*Doutorando em Ciência da Informação – PPGCI/UNESP*  
*cirocosmos@gmail.com*

*Silvia Maria Espirito Santo*  
*Doutora em Ciência da Informação*  
*Docente do Curso de Biblioteconomia, Ciência da Informação e Documentação –*  
*USP/Ribeirão Preto*  
*silesan@usp.br*

## **Resumo**

O artigo está baseado na experiência realizada durante a disciplina Mediação e Recepção da Informação, em que a discussão teórica focou o programa disciplinar a partir da conceituação dos termos mediação e recepção da informação no contexto do ensino universitário, no curso de Biblioteconomia, Ciência da Informação e Documentação, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em Ribeirão Preto. Por constituir-se em um relato, entre alunos e professor, o presente texto demonstrará as preocupações da aprendizagem do conceito mediação, no âmbito da Ciência da Informação, em conformidade com os princípios éticos da atividade profissional junto às minorias raciais, de gênero e, conseqüentemente, das reflexões sobre a exclusão social. Foi utilizado o aporte teórico da Mediação da Informação no contexto de atuação do profissional da informação na sociedade. Os alunos de graduação tiveram a possibilidade de lidar com as situações do previsível e o imprevisível, centrais na relação temática entre mediado e mediador, ao envolverem-se em um projeto unificado para organizar exposição intitulada “Mediação em foco: uma reflexão sobre a realidade das minorias”. O planejamento do evento abraçou as escolhas, as decisões, registrou o compartilhamento, para criatividade e realização de produtos que tiveram lugar e contribuíram para ampliar as questões humanísticas da coletividade pública. A experiência, no âmbito do escopo da Ciência da Informação, demonstrou as possibilidades de atuação do profissional da informação vinculada a uma prática humanizada.

**Palavras-chave:** Mediação e Recepção da Informação. Espaço Público, Intervenção. Profissional da Informação. Ensino.

## **1 INTRODUÇÃO**

Ao reconhecermos alguns Projetos Pedagógicos e programas disciplinares nas universidades brasileiras, quase sempre, nos deparamos com cenários de discussões que permeiam as dificuldades encontradas pelas instituições em estabelecer aproximações entre o mundo universitário (alunos, professores e funcionários) e a sociedade brasileira. Enfatizado como essencial nos planos de ensino de educação superior, o tripé de ensino-aprendizagem, ou seja, ensino, pesquisa e extensão, acabam por priorizar os primeiros

(ensino e pesquisa) e muitas vezes relegando o último (extensão) a segundo plano.

Este problema traz inúmeros impactos à formação de alunos e principalmente em relação a visão que a sociedade estabelece da universidade, classificando-a como distante de sua realidade. No âmbito da Ciência da Informação (CI), mesmo que haja algumas iniciativas vinculadas a atuação do profissional da informação na sociedade, como por exemplo, os projetos do grupo de pesquisa da Universidade Federal da Bahia intitulado “Ciência da Informação: Cognição, Mediação e Construção do Conhecimento” e coordenado

pela professora Aínda Varela, a área padece de pouco contato com a sociedade, limitando-se aos muros e limites da universidade.

Essa falta de diálogo social pode ser compreendida por meio da tradição custodial, tecnicista e acrítica que esteve no escopo das disciplinas fundadoras da CI, antes mesmo dela se constituir como campo de pesquisa (ARAÚJO, 2015). Tal postura acabou por promover prioridades técnicas nos cursos de biblioteconomia e arquivologia, o que dificultou a relação mais efetiva dos profissionais da área com a sociedade.

Nesse quadro, e após o aparecimento do paradigma, social no início da década de 90, surgiram ideias de estudar as comunidades de usuários e refletir acerca das intersubjetividades. Todavia, mesmo com as mudanças ocorridas nas últimas décadas e com o aparecimento de projetos vinculados a interação social, ainda carecemos de exemplos significativos.

Nesse sentido, o presente artigo tem por objetivo relatar a experiência ocorrida na disciplina de “Mediação e Recepção da Informação” na Universidade de São Paulo Campus Ribeirão Preto que envolveu professor, alunos e comunidade, promovendo a interação entre profissionais da informação e sociedade. Após contato com a fundamentação teórica da disciplina, os alunos finalizaram o curso com uma exposição intitulada “Mediação em foco: uma reflexão sobre a realidade das minorias” no centro da cidade que contou com a participação dos mais variados seguimentos sociais.

Assim sendo, relataremos uma experiência em que as relações de interação em sala de aula vivenciaram situações da atividade mediadora e interação na tentativa de romper com a limitação teórica dos bancos da universidade, baseado no ensino do pensamento crítico, a mediação de professor e alunos em contato com o aporte teórico da mediação da informação extrapolaram os muros da universidade, promovendo a imersão da turma no desconhecido território da ação cultural, caracterizado aqui como as situações maculadas no “previsível e o imprevisível”, nas atividades práticas que resultaram na interação entre universidade e comunidade, alterando o passivo status de universidade, inacessível para criar um ambiente de formação humanizada da convivência cultural

envolvendo aos futuros profissionais da informação.

## **2 CONTEXTO DA DISCIPLINA**

Por meio da concepção de mediação e prática de mediação podemos tentar ampliar as perspectivas e o campo de atuação da área. A palavra mediação, do latim *mediare*, é proveniente do verbo *mediar*, aplicada para significar a força que possui qualquer informação que possa romper e significar outras informações de contextos diversos. Comumente é aplicada para representar a passagem e transformação do conhecimento e tem a sua raiz na área da Ciência da Informação. *Recepção*, como substantivo, adquire a definição de lugar, no tempo e no espaço, para relacionamento humano.

O significado do termo *recepção* é derivado do *receber*, de certa forma acumular informação, ou *atrair*, embora dificilmente entende-se a interação como fenômeno de ligação entre *mediar* e *receber*. Devido à complexidade terminológica e, de uma forma generalizada, a área *Mediação* tende a aproximar-se, ou mesmo ancorar-se, em outras disciplinas das áreas de *Comunicação*, *Psicologia*, *História*, *Direito* e da *Sociologia*.

Na tentativa de não alongarmos a conceituação de mediação da informação, tendo em vista as várias concepções de mediação existentes na área, escolhemos o conceito de *Mediação da Informação* veiculado por Almeida Junior e que foi atualizado pelo autor em 2015, sendo:

Toda ação de interferência – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais -, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais (ALMEIDA JUNIOR, 2015, p.27).

Percebe-se que autor define mediação da informação como “ação de interferência realizada por um profissional da informação”, ou seja, a mediação está vinculada a ação em sua essência e vai ao encontro do que realizado na atividade prática feita em sala de aula como veremos a seguir. Além disso, Almeida Junior

traz a ideia de que a informação após ser apropriada deve satisfazer de forma momentânea a necessidade de informação do usuário e que esta deve necessariamente “gerar conflitos”. Tal perspectiva pode encontrar sua fundamentação na teoria crítica, base de nossa argumentação elencada acima, segundo a qual, ao contrário das aproximações positivistas ao real, a teoria crítica tem por atitude epistemológica a desconfiança, a negação, a busca do que pode estar escondido ou camuflado (ARAÚJO, 2009.)

Por meio da perspectiva de Almeida Junior de mediação da informação como “ação de interferência, é importante ressaltar que entendemos “prática de mediação” como conceito vinculado a prática social, como aponta González de Gomez (2003): compreender uma mensagem não pode estar separado das práticas sociais em que essas mensagens são trocadas comunicacionalmente (GONZÁLES DE GOMES, 2003, p.58.) Dessa forma, por meio dessa premissa de interferência e prática de mediação como prática social passamos a relatar a experiência da exposição.

A disciplina Mediação e Recepção da Informação é parte da grade curricular do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação e Documentação (BCID) da USP de Ribeirão Preto e pré-requisito para obtenção de título na área. Embora seja uma disciplina condicionada ao programa, de apenas um semestre, tem por premissa apresentar de forma geral os conceitos de mediação e recepção da informação, refletir acerca do papel da mediação nas instituições e propor ações de intervenção do mediador no processo de inclusão social.

O quadro de alunos engloba formandos do BCID e alunos de outros cursos que podem cursá-la como disciplina optativa. É oferecida aos alunos do sexto semestre, ou seja, muitos já fizeram ou estão fazendo estágio em unidades de informação e alguns trabalham na área. Essas experiências são essenciais para que as atividades e reflexões possam ganhar forma. Além disso, alunos de outros cursos (por exemplo, direito e matemática aplicada) trazem um outro olhar diferente e enriquecedor às discussões.

Não obstante, é importante salientar que foi a partir do início dessa década que se realizaram significativas discussões a respeito

da mediação e recepção da informação, embora tenha origem na Teoria da Comunicação (no estudo das *mass media*), os sentidos da mediação transitam entre áreas técnicas, das humanidades e do mercado, figurando como substantivo e derivações adjetivadas.

Na CI, após mais de uma década, a disciplina ainda não conseguiu agregar todas os programas destinados ao ensino que se refira às experiências da mediação e recepção da informação na produção científica e avaliações. Nesse aspecto, Canclini (2005) relata que as universidades se assemelham ao comércio varejista “compartimentado e tradicional”:

[...] as universidades se assemelham mais à distribuição compartimentada do tradicional comércio varejista. Nossos departamentos não parecem pertencer à mesma instituição: se alguém vai ao departamento de antropologia, só conseguirá o que corresponde às culturas domésticas e locais; se se matricula em sociologia e economia, encontrará informação sobre as grandes tendências do mundo. Estas regiões do conhecimento exigem tal fidelidade que não se vê com bons olhos o “consumidor” – por exemplo, um estudante de pós-graduação – que comece a relacionar-se com vários departamentos ao mesmo tempo (CANCLINI, 2005, p.106)

Essa ausência de relacionamento entre as áreas traz significativas consequências às atividades acadêmicas, como por exemplo, dificuldades em desenvolver projetos conjuntos de social e profissional, atividades carentes de abordagem ampla que contemple os anseios sociais de forma genérica, etc. Dessa forma, há a tendência contemporânea em relatar a experiência que promoveu o diálogo tanto entre as áreas do conhecimento quanto com a sociedade. Antes de mais nada, faremos breves reflexões acerca dos motivos pelos quais a CI e a mediação da informação, de forma genérica, se demonstraram acríicas e pouco pragmáticas ao longo dos anos.

### **3 CIÊNCIA, PARADIGMAS DA CI E MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO**

A CI insere-se em uma tradição ocidental de dar valor apenas aos pressupostos racionais da Ciência Social moderna, em uma

perspectiva vinculada ao racionalismo filosófico, que tem como pressupostos a crença nos procedimentos da razão que determinam as técnicas do campo científico, ou seja, de uma corrente metafísica da filosofia moderna, de Descartes a Kant (ABBAGNANO, Nicola, 2000, p.776).

Descartes em seu famoso *Discurso do Método*, livro que consagrou a frase “Penso, logo sou” após refletir sobre a razão, a existência e a vida, chegou a seguinte opinião sobre a ideia de verdadeiro:

Compreendi que eu era uma substância cuja essência ou natureza consiste somente no pensar e que, para ser, não necessita de lugar algum, nem depende de coisa material. Desse modo, esse eu, isto é, a alma, pela qual sou o que sou, é inteiramente distinta do corpo e até mesmo que ela é mais fácil de conhecer do que ele e, ainda que esse nada fosse, ela não deixaria de ser tudo o que é (DESCARTES, 2006. p. 31).

A partir da concepção cartesiana de verdade e racionalidade, é possível perceber que ainda reproduzimos uma racionalidade filosófica em muitas áreas da ciência, excluindo tudo que não é racional. Dessa forma, as problemáticas elencadas pela epistemologia devem estar sempre nos focos de debates acerca da ciência para que esta não cristalice ainda mais seus paradigmas.

O problema da cristalização dos paradigmas insere-se no que entendemos por epistemologia, ou seja, como o estudo crítico dos princípios, das hipóteses e dos resultados das diversas ciências. Semelhante estudo tem por objetivo determinar a origem lógica das as ciências, seu valor e seu alcance objetivos (JAPIASSU, 1977, p. 25).

Para tais questionamentos e análises o conceito de epistemologia crítica que tem por essência interrogar-se sobre a responsabilidade social dos cientistas e técnicos é bastante profícuo. A epistemologia crítica é:

[...] fruto da reflexão que os próprios cientistas estão fazendo sobre a ciência em si mesma. Trata-se de uma reflexão histórica, feita pelos cientistas sobre os pressupostos, os resultados, a utilização, o lugar, o alcance, os limites e a significação socioculturais da atividade científica. O que eles pretendem mostrar é que as ciências, hoje em dia, não se impõem mais por si mesmas; que seus

resultados não poderão mais construir a verdade das sociedades atuais; que suas virtudes em nada são evidentes; que os pesquisadores precisam interrogar-se sobre a significação da ciência que estão fazendo (JAPIASSU, 1977, p. 138).

Nesse sentido, por meio da epistemologia crítica tentamos romper com ideia imediatista da ciência metódica, para incluir os paradigmas da totalidade, da complexidade do pensamento da ciência questionadora e crítica. Proporciona-se, assim, o aprofundamento do conhecimento da sociedade em níveis complexos como língua, etnias, crenças, economias e organizações sociais na simbologia. Sabe-se que é comum, em grande parte das disciplinas, a caracterização de que algo é positivista, ou seja, como sendo alguma coisa que não permite o diálogo, que se fecha e deixa de ver a realidade e as múltiplas visões de mundo.

Essa perspectiva continua válida para compreendermos a trajetória dos fundamentos principados na CI, que construiu seu referencial teórico, apoiando-se nos problemas relacionados ao “transporte físico da informação”, baseado em uma concepção objetivista de ciência dando pouca importância aos sujeitos e contextos socioculturais. Segundo Araújo, estudos de natureza positivista continuam existindo no campo:

Deve-se salientar, contudo, que estudos de natureza positivista, que reafirmam o conceito de informação na perspectiva objetivista, sem a consideração do sujeito e dos contextos socioculturais concretos, que tomam a informação como um dado e não como uma construção, continuam existindo e constituindo a perspectiva mais comum dos estudos desenvolvidos no campo (ARAUJO, 2009, p. 203).

Desse modo, acreditamos que a CI deve ser analisada como uma ciência provida de paradigmas, e, esses paradigmas, merecem destaque: o paradigma do “transporte físico da informação” e o “paradigma da tecnologia” na esteira dos fundamentos da área na perspectiva multidisciplinar.

O primeiro está relacionado, principalmente, a lógica da construção do referencial teórico da CI que estava vinculado ao transporte físico da informação, ou seja, foi a partir do estudo científico dessas

problemáticas que foi construído o projeto de uma CI. Segundo Araújo, a CI teve suas origens a partir de um raciocínio matemático e de uma lógica linear:

Os processos que envolvem a informação passam a ser compreendidos numa lógica linear. Os autores definem a comunicação como um processo em que uma fonte, a partir de um transmissor, por meio de um canal, envia informação a um receptor, que a conduz a um destino. A informação é definida como uma medida da incerteza – não como aquilo que é informado, mas como aquilo que se poderia informar. Diante de uma pergunta com apenas duas opções de resposta, o grau de informação seria da ordem de 50%. Diante de uma pergunta com mais opções (uma situação com maior grau de incerteza), o valor informativo aumenta. Em situações de alta previsibilidade, o grau informativo é baixíssimo (ARAUJO, 2009, p. 194).

Esse modelo de comunicação: “Transmissor – Canal – Receptor da informação” foi determinante para fundar a CI e continua atual em pesquisas recentes. Um exemplo interessante dessa permanência pode ser observado em artigo de Kobashi & Talamo intitulado, *Informação: fenômeno e objeto de estudo da Ciência da Informação*, em que os autores compararam fome e informação argumentando que, “A informação, como o alimento, é um bem. Do mesmo modo que a carência de alimento provoca a fome, a carência de informação provoca a ausência de conhecimento” (KOBASHI; TALAMO, 2003, p. 9). Segundo as autoras para que a informação se transforme em conhecimento é necessária uma “moeda de troca” que é a cognição e o capital cultural. A partir dessa comparação é possível perceber que o paradigma da “transmissão física da informação” continua atuante, pois a informação é vista como um bem, aquela que vai ser responsável por proporcionar conhecimento, assim como o alimento vai sanar a fome.

Essa comparação parece problemática, pois a informação não é necessariamente algo que a partir de uma “moeda de troca” pode se transformar em conhecimento, em um bem,

mas a informação pode ter inúmeras possibilidades de utilização. Um cidadão bem informado pode promover a paz mundial, ou bolar estratégias para praticar inúmeros casos de corrupção, como a maioria dos políticos brasileiros. A base da ideia de informação como um bem está carregada de positividade, assim como a distribuição de alimento como uma forma de sanar a fome do mundo. Não conseguimos resolver o problema da ausência de informação ou da fome com a distribuição de informação ou alimentos, já que essa problemática deve ser pensada em sua complexidade. O segundo é o paradigma da tecnologia. Quando pensamos a CI como uma ciência social aplicada logo surge a ideia de que estamos sobre uma linha tênue que separa ciência e tecnologia (EUGENIO; FRANÇA; PEREZ, 1996). No entanto, essa tendência de vincular a CI exclusivamente a tecnologia tem gerado muitas polêmicas<sup>1</sup>. Mostafa (1999) fez severas críticas a associação das áreas de Ciência da Informação, Biblioteconomia e Computação, pois para ela nenhuma ciência deve restringir-se a seu campo de aplicação:

A CI precisa transcender as bibliotecas e os computadores e desenvolver seus princípios independentemente desses ou quaisquer outros sistemas físicos envolvendo a noção de informação e ao mesmo tempo ser aplicável a eles. O objetivo da disciplina Ciência da Informação deve ser o estabelecimento de uma abordagem científica unificada para o estudo de vários fenômenos envolvendo a noção de informação quer tal fenômeno se encontre em processos biológicos, na existência humana ou nas máquinas criadas pelos seres humanos. Consequentemente o assunto deve referir-se ao estabelecimento de um conjunto de princípios fundamentais que governem todos os processos de comunicação e seus sistemas de informação associados (MOSTAFA, 1999, p. 17).

A partir das perspectivas, acima referenciadas, a reflexão aponta para que a CI não cristalice seus paradigmas como o do transporte físico e da tecnologia, é preciso estabelecer o que pensamos ser a essência da epistemologia crítica, ou seja, uma ciência questionadora e crítica.

<sup>1</sup> Vale lembrar que não nos colocamos contrários à aproximação da tecnologia com a CI, mas que haja atuação conjunta entre os profissionais da

computação e da CI sem perder o vínculo da informação como parcial (não neutra) e fundamental para a sociedade.

#### **4 MEDIAÇÃO EM FOCO: UMA REFLEXÃO SOBRE A REALIDADE DAS MINORIAS**

Após contato com o aporte teórico e reflexão acerca da prática da Mediação da Informação desenvolvemos a ideia de que a mediação só acontece na relação com o outro e necessariamente por meio da intervenção social. Assim sendo, iniciou-se planejamento para que algo pudesse ser feito com o objetivo de colocar a mediação em prática, ou seja, a partir desse momento passamos a lidar com o inesperado, com o “previsível e o imprevisível”. Foram organizados encontros semanais que aconteciam nos quinze minutos que antecediam o início das aulas. Essas “reuniões de planejamento” não tinham a participação do professor, era composta apenas por alunos que decidiam o que e como fariam. É importante salientar que este método de proporcionar aos alunos autonomia para decidirem o que fariam faz parte do processo de ensino aprendizagem da disciplina para formação do profissional da informação.

A partir das reuniões surgiu a ideia de organizar algo com a temática vinculada às minorias sociais, ou seja, abordar questões como diversidade de gênero, racial e exclusão social por meio da arte. Dessa forma, ficou decidido que seria feita uma exposição para contemplar a questão das minorias. Assim, entre os discentes, foram distribuídas diretrizes de planejamento que teve por objetivo pensar o prazo para viabilização do evento, orçamento, público alvo, local, material a ser utilizado e equipes responsáveis pelos setores da atividade, de acordo com a identificação e habilidade de cada aluno. As equipes foram divididas entre coordenação, curadoria, comunicação, educativo, montagem e registro. Foram criados uma fan page e e-mail de acesso coletivo para estabelecer comunicação entre as equipes. Esses meios de comunicação e as reuniões de planejamento foram essenciais para debater ideias e formas de organização. No roteiro de execução, além de constar o nome de todos os membros distribuídos por

equipes, havia o seguinte texto para deixar formalizado os objetivos do evento:

[...] este evento será no estilo Sarau, com uma finalidade de intervenção cultural, afim de expor atividades culturais no âmbito da fotografia, artes plásticas, música, poema e qualquer outra exposição artística. Sua temática está pautada em questões sociais tais como, a figura da mulher e sua relação com mundo, machismo, homofobia, racismo, direitos humanos, entre outros problemas vivenciados pela sociedade e ao mesmo tempo à margem dela (ROTEIRO DE EXECUÇÃO).

Dessa forma, após a divisão de tarefas e definição do escopo do evento, iniciamos as atividades de contato com prefeitura, empresas, fotógrafos, artistas, representantes de grupos sociais, etc., para definição de local, data e disponibilidade dos convidados para participar do evento e disponibilizar materiais. As reuniões de planejamento aconteceram até próximo ao dia do evento e à medida em que conseguíamos definir e confirmar local e apresentadores as formas de apresentação foram tomando corpo.

A equipe de divulgação acessou o canal local e rádio de maior audiência local, isto é, em Ribeirão Preto<sup>2</sup> e região, e divulgou o evento tanto nos meios tradicionais de comunicação, quanto em redes sociais, além de criar uma página no site de eventos da universidade. A divulgação teve início dois meses antes do evento e reforçada dias antes da exposição. Após estruturar os suportes técnicos para a exposição e fazer a divulgação, imbuídos de significativo entusiasmo do trabalho realizado em sala de aula, os alunos se preparavam para abri-la, baseada na autoria coletiva destinado ao público da cidade.

Chegou o dia do evento. Logo de manhã as equipes ocuparam o espaço de apresentação, que foi disponibilizado pela prefeitura e escolhido pelas equipes por tratar-se de localização estratégica, no centro da cidade, onde poderiam participar pessoas e grupos de múltiplos seguimentos sociais. As equipes começaram a organizar o espaço esforçando-

<sup>2</sup> Ribeirão Preto, hoje com cerca de 700 mil habitantes, é uma cidade referência no Estado de São Paulo, por ter sido fundada em decorrência da economia baseada na mão-de-obra escrava para fixar a imigração europeia, em destaque para a

italiana. No tardar do século XIX, entre 1886 e 1900, a população passou de 10.420 habitantes para 59.195, característica forte da *plantacion do* Café destinado à exportação.

se em dar sentido à exposição com que tanto os artistas/fotógrafos como a comunidade local se sentissem livres para fazer intervenções.

**Figura 1** - Prédio histórico, antigo Palace Central Hotel<sup>3</sup>,

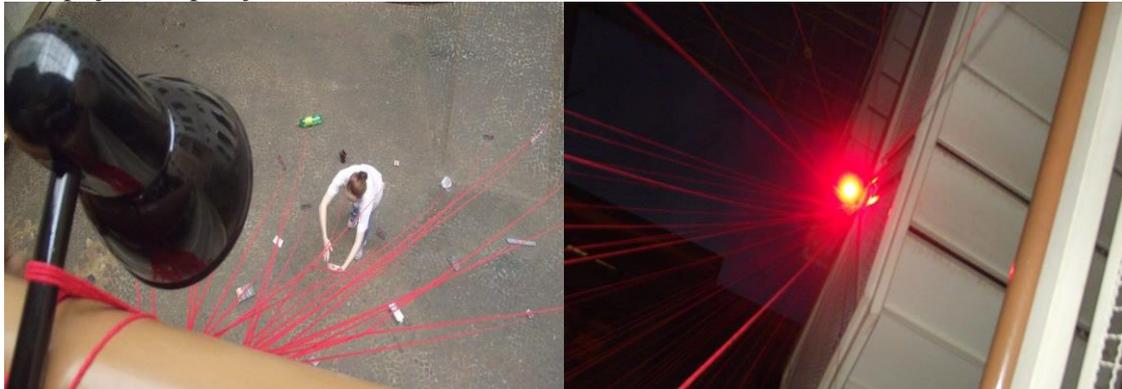


Fonte: Geraldo Veiga (2016).

Na Figura 1 podemos ver que trata-se de prédio histórico ao lado do Teatro Pedro II, polo turístico de Ribeirão Preto. A figura ilustra o começo dos trabalhos no espaço que nos foi concedido para montar a exposição. Aqui já passamos a lidar com o imprevisível, pois os grafites nas paredes, que por ser uma arte de cores fortes e muita expressividade,

inicialmente tínhamos dúvidas quanto a dificultar a visibilidade das fotos e pinturas dos artistas convidados, mas acabaram por incorporar e enfatizar o foco da exposição como um espaço de manifestação das minorias e da diversidade cultural, no processo criativo de apropriação do espaço público.

**Figura 2** - Pátio interno do Centro Cultural Palace e linhas sugerindo os caminhos que levariam ao espaço da exposição



Fonte: Geraldo Veiga (2016)

Logo na entrada do evento o público se deparava com uma luz vermelha com linhas que os direcionavam à exposição. Além disso, havia a equipe do “educativo”, recepcionava

os participantes e monitorava, de forma geral e objetiva, a proposta do evento. Em seguida as pessoas passavam por algumas caixas (Figura

<sup>3</sup> tombado pelo Condephat – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico, hoje Centro Cultural Palace da Secretaria de

Cultura Municipal de Ribeirão Preto. Na foto da direita vê-se o início das atividades e reconhecimento do espaço interno.

3) que a equipe intitulou de “caixas humanizadoras”.

**Figura 3** - Caixas humanizadoras

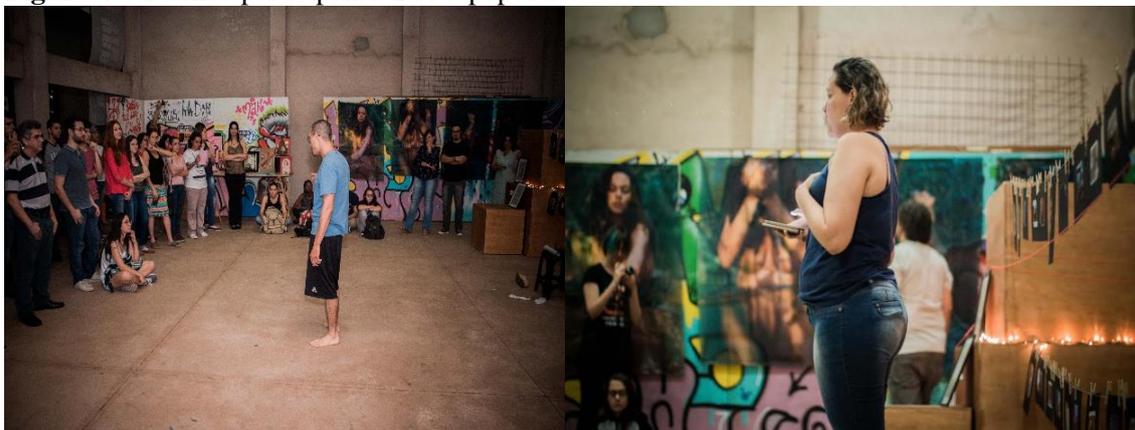


Fonte: Geraldo Veiga (2016)

Aqui pudemos novamente lidar com o “imprevisível” em referência a outros projetos de arte urbana como Grafites realizados por artistas da cidade. Já estávamos tratando do “previsível”, pois tínhamos por objetivo organizar um cenário que retratasse a realidade da pessoa em situação de rua e sua invisibilidade perante a sociedade. As equipes em contato com materiais obsoletos no espaço, apropriaram-se de caixas madeiras, cadeiras, suportes variados e montaram o ambiente de uma pessoa desvalidada na sociedade em situação de rua, com colchão e demonstraram, em fotografias, as imagens reais de pessoas envolvidas em uma caixa de vidro, onde o público não conseguia acessá-las. Outra caixa com uma das faces de vidro representava uma casa confortável de família classe média com frases como “Mude sua cabeça”, “Olhe ao seu redor”. Desta forma, a ocasião demonstrava as contradições sociais,

da penúria dos desempregados, desvalidos ou dependentes químicos contradizendo a ideia da sociedade democrática ao mostrar as diferenças sociais brasileiras. Com o evento acontecendo, nos deparamos novamente com o imprevisível ao receber a participação do público no evento, seja declamando poesia ou representando (Figura 3). Como podemos observar na Figura 4 abaixo, havia um cenário pensado para o previsível, ou seja, a sequência de apresentação do evento foi organizada pela equipe com exposição de fotos e quadros, e espaço para manifestação dos artistas. No entanto, além do planejado pudemos vivenciar a essência da manifestação artística do público diverso – utentes, transeuntes, usuários de drogas, estudantes, poetas, artistas, diferentes gêneros e etnias, pessoas autênticas e múltiplas na criatividade, que não pouparam esforços para fazer ouvir a voz das minorias.

**Figura 4** - Público participante. Poeta popular.

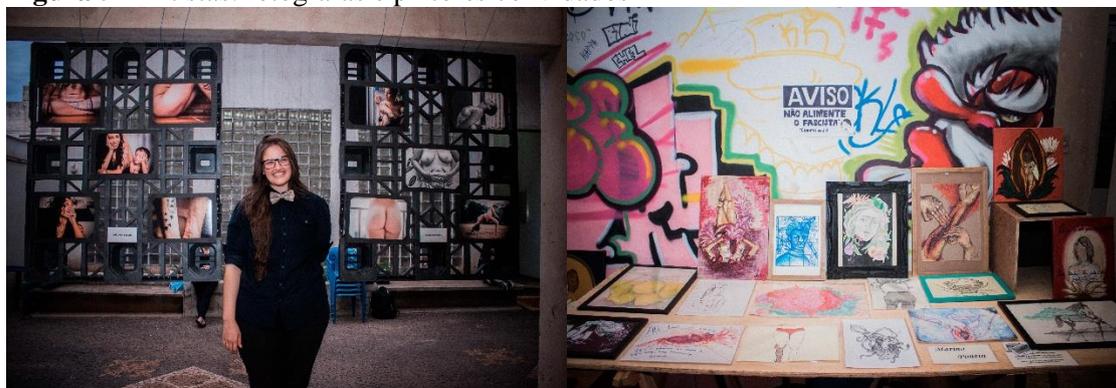


Fonte: Deborah Evelyn (2016)

Além da participação do público, os artistas estavam presente interagiram com o público esclarecendo curiosidades e dúvidas acerca da

produção artística (Figura 5). Eles também tiveram espaço para apresentar, minorias sociais.

**Figura 5** - Artistas: fotógrafas e pintores convidados



Fonte: Deborah Evelyn (2016)

Nos detalhes da figura 3 podemos perceber as fotografias da autora que provocam o público a refletir acerca do padrão de beleza estabelecido socialmente e os quadros que questionam o machismo e a figura da mulher na sociedade. Vale observar que o cenário de grafite acabou por dar sustentação ao foco do evento, além disso o detalhe do aviso colado na parede “Não alimente o fascista” revela o posicionamento da autora e da exposição.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Das experiências relatadas, no âmbito midiático, pouco se evidenciam as oportunidades positivas desses encontros magníficos, entre a arte e a técnica. Quando todos os elementos do processo mediador (ocupação do espaço, grupos envolvidos, produtos da ação cultural, intervenções e apropriações) são complementares e, não raramente, também aparecem excludentes nas apropriações informacionais, são desafiadores para aprofundar o conhecimento e necessidade subjetivas e coletivas.

Muitas são as experiências realizadas em diversas instituições municipais, estaduais e, privadas ou pública, museus, arquivos, galerias, ruas, bibliotecas porém, são raros as relatadas com devolutivas ao público interativo, ou mesmo dos próprios grupos de origem das atividades nas instituições promotoras.

Por isso, o que foi colocado em pauta é o *previsível e o imprevisível*, sem aspas nas considerações finais do presente artigo, porque

os artigos caracterizam a originalidade dos processos da realização da mediação e da recepção da informação, com níveis especiais nas experiências que não se repetem. Como futuros profissionais da informação os alunos envolveram-se em atividades marcadas pela ação em que se desenvolveram as atividades culturais e a comunicação social entre os mediadores e os mediados.

A partir dessa experiência, em que não houve intervenção direta do professor mediador nos processos de organização dos projetos temáticos propostos pelas equipes de alunos, ao programar o local da atividade, contando artistas, improvisando materiais da montagem, fortalecendo a rede de comunicação e percebendo os níveis possíveis das mediações a partir da imprevisibilidade, a ação se transformou em grande atividade educativa potencializando uma formação mais humanizada.

Portanto, o relato dessa atividade parece essencial no âmbito da Ciência da Informação, não só no sentido estrita na devolutiva social, mas para contribuir com a visão de que os cursos de Biblioteconomia e Ciência da Informação possam conhecer atividades do âmbito curricular, em que alunos participaram ativamente do processo de construção do evento, tiveram contato com a realidade de lidar com a prática informacional, propiciar a formação coesa entre conceitos, práticas e permitir que possam trilhar caminhos múltiplos como profissional ativo na sociedade substancialmente ética na natureza mediadora.

**BEYOND THE UNIVERSITY WALLS: REPORTING OF EXPERIENCE IN THE DISCIPLINE OF MEDIATION AND RECEPTION OF INFORMATION**

**Abstract**

*The article is based on the experience during the course Mediation and Reception of the Information, in which the theoretical discussion focused the disciplinary program from the conceptualization of the terms mediation and reception of the information in the context of university teaching, in the course of Librarianship, Information Science and Documentation, at the Faculty of Philosophy, Sciences and Letters of the University of São Paulo, in Ribeirão Preto. As a report, between students and teacher, this text will demonstrate the concerns of learning the concept of mediation, in the scope of Information Science, in accordance with the ethical principles of professional activity with racial minorities, gender and, consequently, reflections on social exclusion. It was used the theoretical contribution of Information Mediation in the context of the performance of information professionals in society. Undergraduate students were able to deal with predictable and unpredictable situations, central to the thematic relationship between mediator and mediator, by getting involved in a unified project to organize an exhibition entitled "Mediation in focus: a reflection on the reality of Minorities ". The event's planning embraced the choices, the decisions, the sharing record, for creativity and product realization took place and contributed to broaden the humanistic issues of the public collectivity. The experience, within the scope of the Information Science, demonstrated the possibilities of the professional of information linked to a humanized practice.*

**Keywords:** *Mediation and Reception of Information. Public Space, Intervention. Information Professional. Teaching.*

**REFERÊNCIAS**

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia.** Tradução de Alfredo Bos. São Paulo: Mestre Jou, 1970. 976p.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. **Leitura, mediação e apropriação.** In: SANTOS, Jussara Pereira (Org.). A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007. p.33-45.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. **Mediação da informação e múltiplas linguagens.** **Pesq.bras. Ci. Inf.**, Brasília, v.2, n.1, p.89-103, jan./dez.2009.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. **Mediação da informação: um conceito atualizado.** In: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José da (Org.). **Mediação oral da informação e da leitura.** Londrina: ABECIN, 2015. 278p.p.9-32.

ARAUJO, Carlos Alberto Ávila. A ciência da informação como ciência social. **Ci.**, vol. 32, n. 3, 2003.

ARAUJO, Carlos Alberto Ávila. Correntes teóricas da ciência da informação. **Ci. Inf.**, Brasília, DF, v. 38, n. 3, p. 192-204, set./dez. 2009

ARAUJO, Carlos Alberto Ávila. Manifestações e (Ausências) de pensamento crítico na Ciência da Informação. **Biblos:** Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 27, n.2, p.9-29, jul./dez. 2013.  
<https://www.seer.furg.br/biblos/article/viewFile/3364/2750> . Acesso em 14.08.2015.

BICHERI, Ana Lúcia Antunes de Oliveira. **A mediação do bibliotecário na pesquisa escolar face a crescente virtualização da informação.** Dissertação (Mestrado em Ciência da informação) Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

- CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Tradução Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. 283p.
- DESCARTES, R. **Discurso do método**. Tradução Ciro Mioranza. – São Paulo: Escala Educacional, 2006.
- EUGÊNIO, Marconi, FRANÇA, Ricardo Orlandi, PEREZ, Rui Campos. Ciência da Informação sob a ótica paradigmática de Thomas Kuhn: elementos de reflexão. **Perspec. Ci. Inf.**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 27-39, jan./jun. 1996.
- FARIAS, M. G. G.; FREIRE, I. M. Ação de mediação para inclusão social de comunidades. **Informação & Informação**, Londrina, v. 16 n. 3, p. 76– 95, jan./jun. 2011. <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/9921> .Acesso em: 15.10.2016.
- GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Escopo e abrangência da Ciência da Informação e a Pós- Graduação na área: anotações para uma reflexão. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n.1, p. 31-43, jan./abr., 2003
- \_\_\_\_\_. Novas fronteiras tecnológicas das ações de informação: questões e abordagens. **Ci**, Brasília, v. 33, n. 1, p. 55-67, 2004. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/249>. Acesso em 17.08.2016.
- JAPIASSU, H. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 2. ed. Rio de Janeiro, F. Alves, 1977.
- KOBASHI, Nair Yumiko; TALAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Informação: fenômeno e objeto de estudo da sociedade contemporânea. **Transinformação**, Campinas: v.15, p. 7-21, set./dez., 2003. (Edição Especial).
- MATTELART, A. **História das teorias da comunicação**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- MOSTAFA, S. P.; LIMA, A.B. de; MARANON, E.I.M. Paradigmas teóricos da Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v.21, n. 3, p. 216-222, set.dez.1992.